

Pan-africanismo: tendências políticas, Nkrumah e a crítica do livro *Na Casa De Meu Pai*¹

Márcio Paim²

Resumo:

O objetivo desse artigo é contribuir para ampliação de informações sistematizadas sobre a narrativa e a evolução da ideologia Pan-Africana a partir de uma breve retrospectiva histórica de seu surgimento e da formação de suas variadas tendências, desconstruindo a ideia de “uniformidade ideológica”.

Palavras-Chaves: Pan-Africanismo; África; ideologia

Abstract:

The aim of this article is to contribute with further information on the narrative and evolution of Pan-africanist ideology through historical perspective, regarding its origins and its diversity of trends, and breaking with the idea of a monolithic ideological thought.

Keywords: Pan-Africanism; Africa; Ideology.

1 – Pan-Africanismo: origem e evolução

Antes de dar início à narrativa do surgimento da ideologia Pan-africana, duas observações devem ser feitas. A primeira refere-se a sua semântica. Embora a nomenclatura Pan-africanismo, a primeira vista, deixe implícita uma relação estreita com o continente africano, cabe ressaltar, que essa ideologia tem sua origem nos países de colonização inglesa³. A segunda é que a ideologia Pan-africana pode ser entendida ou abordada sob duas perspectivas. Uma, quanto projeto de libertação – que será tratado nesse artigo - e outra quanto projeto de integração. Dessa maneira, para o entendimento do Pan-africanismo como ideologia de libertação torna-se imprescindível a compreensão do contexto o qual o mesmo surgiu e que suas vertentes políticas foram consolidadas.

É importante compreender que antes da formação do movimento Pan-africano como movimento político, o Pan-africanismo origina-se da oposição aos tráficos escravistas nas Américas, Ásia e Europa, onde foram materializados os experimentos psicológicos e sociais que fizeram surgir movimentos de protesto e revoltas de cunho internacional que reivindicaram a libertação dos africanos escravizados, bem como a liberdade e a igualdade das populações africanas no estrangeiro⁴. No seu início, o Pan-africanismo era apenas uma reduzida manifestação de solidariedade, restrita às populações de ascendência africana das Antilhas Britânicas e dos Estados Unidos. Logo, é importante ressaltar que, até a primeira reunião Pan-Africana a denominação “Pan-Africanismo” não havia sido inserida, ficando a reunião identificada como a “Conferência dos

1 APPIAH, Kawame Anthony. *Na casa de meu pai: África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

2 Mestre em Estudos Africanos pelo Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia – CEAO\UFBA. Graduado em História pela Universidade Católica do Salvador – UCSAL. Email: mrnciopm283@gmail.com.

3 DECRAENE, Philippe. *O Pan-Africanismo*. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1962, p.13.

4 HARRIS, Joseph.E.; Zeghidour, Slimane. A África e a diáspora negra. In: MAZRUI, Ali. A; WONDJI, Christophe (Org.). *História Geral da África*. Brasília: UNESCO, 2010. Pp.861. (Vol. VIII)

povos de cor”.

A primeira “conferência dos povos de cor”, pensada por Henry Silvester Williams em 1890, devido aos entraves burocráticos, só pôde acontecer dez anos depois em 1900 na Inglaterra. Henry Silvester Williams (1869-1911) graduou-se em direito indo trabalhar na África do Sul. Especializou-se em questões agrárias no fórum inglês onde teve a possibilidade de estabelecer estreitas relações com as populações do oeste africano de colonização inglesa, tornando-se uma espécie de conselheiro jurídico. Antes de viajar para África do Sul, Williams foi responsável pela fundação da *Associação africana* para promoção e proteção dos interesses de todas as pessoas de ascendência africana. Como conselheiro, Silvester Williams aconselhou chefes *bantus*⁵ na África meridional, os quais suas terras eram alvo do interesse dos colonizadores *bôers*⁶. Da mesma forma, auxiliou no aconselhamento os chefes *Fantis*⁷, cuja suas terras originais os ingleses objetivavam transformar em propriedade da coroa britânica.

Coube ainda a Henry Silvester Williams em 1900 a iniciativa da organização em *Westminster Hall*, Londres, da primeira *Conferência dos povos de cor* que tinha como objetivo de reivindicar o açambarcamento por parte dos países europeus das terras consuetudinárias das populações africanas. De acordo com as informações fornecidas por William Bugart Du Bois, contemporâneo e seguidor de Silvester Williams a reunião de Londres foi importante por que:

“Colocou pela primeira vez em moda a palavra “*pan-africanismo*”. (...) o apelo lançado pelos trinta e tantos delegados ao cabo dos seus trabalhos foi, graças sem dúvida à complacência do bispo de Londres, ouvido da rainha Vitória. E, por intermédio de Joseph Chamberlain, houve por bem a Augusta soberana fazer saber a Silvester Williams o seu cuidado” de não perder vista dos interesses e do bem-estar das raças indígenas”.

É importante frisar que apesar do espaço ocupado por Henry Silvester Williams na construção da ideologia pan-africano ele não foi o “único” protagonista responsável por tal construção devendo-se considerar uma ampla lista de defensores que caíram no esquecimento.

5 Vocábulo que pode ser usado nas formas flexionadas “banto, a, o, os” ou “bantu”, sem flexões, e que designa um dos membros da família etnolinguística à qual pertenciam, entre outros, os escravos no Brasil chamados angolas, Congos, cabindas, benguelas, moçambiques e etc. Ver LOPES, Ney. *A enciclopédia da diáspora africana*. São Paulo: Selo negro, 2004, p.98.

6 Semântica pela qual eram designados os colonizadores holandeses na África do sul: M'BOKOLO, Elikia. *África negra: história e civilizações*. Salvador/São Paulo: Edufba/Casa das Áfricas, 2011, p.298. Tomo II (Do século XIX aos nossos dias)

7 Povo de fala *Akan*, localizado na região litorânea central da atual República de Gana. Vindos do norte para o seu sítio atual a partir do século XIV, seus diversos clãs, unificados, aí fundaram Mankessim, a grande cidade. Ver: LOPES, Ney. *A enciclopédia da diáspora africana*. São Paulo: Selo negro, 2004, p.270.

Dessa maneira, por ser uma lista difícil de reconstruir, bem como, pouco instrutiva em termos quantitativos, credita-se a Silvester Williams o papel precursor de uma das ideologias - juntamente com o nacionalismo africano e as negritudes – centrais para a descolonização do continente africano.

2 – Pan-africanismo e suas vertentes políticas: Du Bois e o Pan-africanismo educacional

Contemporâneo de Henry Silvester Williams, William Edward Burghardt Dubois (1868-1963), considerado um dos pais do pan-africanismo, deu contribuição incomensurável para evolução e consolidação da ideia de unidade pan-africana. DuBois nasceu em Great Barrington, Massachusetts, e no recente contexto segregacionista do início do século XX, foi o primeiro afro-americano a receber um título de doutor. Estudou na Universidade Fisk, uma das poucas instituições negras de ensino superior da época, e concluiu seu Doutorado em sociologia pela Universidade de Havard em 1896, realizando, posteriormente, especializações em História e Ciências Sociais na Universidade de Heidleberg, Alemanha⁸.

Sua prolixa vida acadêmica tem início com a publicação de: *Supression of the african slave trade* (a supressão do comércio escravista africano nos Estados Unidos), obra onde Dubois traça um panorama do comércio de escravos nos Estados Unidos. Dubois também foi responsável pelo primeiro estudo de sociologia realizado por afro-americano com a publicação de sua obra: o negro de Filadélfia: um estudo racial, publicada pela primeira vez em 1899 e depois republicada em 1967, quatro anos após a sua morte. Seu principal livro: *almas da gente negra*, publicado em 1903 e depois em 1999 foi considerado um divisor de águas no posicionamento político de Dubois ao romper com seu antigo aliado Booker Tylor Washington que na interpretação de Dubois advogava uma posição de acomodação frente ao segregacionismo direcionado a comunidade afro-americana⁹.

Fundador do movimento Niágara, organização que antecedeu a criação da Associação Nacional para o avanço das pessoas de cor (NAACP), Dubois foi responsável pela fundação da Liga Urbana Nacional e até 1934, editor da revista *Crisis* da NAACP. Com o passar do tempo, sua radicalização política obrigou-o a afastar-se da liderança da NAACP¹⁰. A conjuntura política pós-

8 FINCH, Charles S; NACIMENTO, Elisa Larkin, I.N. de (Org). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. Vol.4. São Paulo: Selo negro, 2009, p.47.

9 FINCH, Charles S; NACIMENTO, Elisa Larkin, I.N. de (Org). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. Vol.4. São Paulo: Selo negro, 2009, p.47.

10 Idem.

abolição exerceu influência marcante na definição da concepção Pan-africana de Dubois. Antes de ter fim a Guerra de Secessão, precisamente, no dia 31 de janeiro de 1865, os senadores estadunidenses votaram a 13ª emenda responsável por “abolir” a escravidão nos Estados Unidos. Em seguida, entre 1866 e 1870 foram aprovadas a 14ª e a 15ª emendas que impuseram para os afro-americanos os mesmos direitos que os outros cidadãos dos Estados Unidos¹¹.

Embora, juridicamente e independente de suas epidermes os cidadãos americanos fossem iguais perante a lei, na prática o abismo social, no contexto mencionado, tornara-se intransponível. Sem acesso à educação, os antigos escravos – considerados ignorantes – pela elite branca segregacionista foram “impedidos” por todos os meios e artifícios legais de se manterem próximos da vida política. A “cláusula do avô”, que mantinha longe das eleições os negros analfabetos, foi um exemplo ilustre dos obstáculos confrontados pelos antigos escravos. Nesse sentido, por ser Dubois o primeiro acadêmico afro-americano, via a conscientização racial - adquirida a partir da educação - como o principal meio de acessibilidade social e organização da comunidade afro-americana acerca de seu passado. Assim, credita-se a Dubois, além da consolidação do pan-africanismo, a abertura da primeira vertente pan-africana: o *pan-africanismo educacional*¹².

3 – Booker T. Washington e o Pan-africanismo econômico

Da mesma forma que Dubois, Booker T. Washington (1856-1915), foi contemporâneo de Henry Silvester Williams, compondo o conjunto dos percussores do pan-africanismo. Nascido escravo no estado da Virgínia, Booker Tagliaferro Washington (cujo primeiro nome, era o do seu senhor), posteriormente, viria a se tornar educador e um dos expoentes da visão pan-africanista. Tendo iniciado seus estudos em uma época tardia no *Hampton Institute*, lá recebeu o diploma de professor. Como Educador Booker T, Washington foi responsável pela fundação do *Tuskegee Institute*. Este instituto - que acumulava funções muito maiores que a de uma escola -, transformou-se em um importante centro comunitário disponibilizando cursos para pastores, professores, fazendeiros, empresários entre outras funções e atividades¹³.

Na visão de T.Washington, a oferta de cursos e atividades - considerando o contexto de inserção capitalista o qual os antigos escravos estavam submetidos - seria uma das estratégias para a união, o aprimoramento e a melhoria da comunidade afro-americana. Comparado à longa produção

11 DECRAENE, Philippe. *O Pan-Africanismo*. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1962, p.14.

12 Idem.

13 LOPES, Ney. *A enciclopédia da diáspora africana*. São Paulo: Selo negro, 2004, p.682.

acadêmica de Dubois, Booker T Washington, produziu poucas obras, mas não menos importantes do que os escritos de Dubois. *The future of the american negro* (1899) - mesmo ano da publicação de *o negro de Filadélfia: um estudo racial*, de Dubois -, *Up from slavery* (1901) e *Tuskegee and its people* (1905), são exemplos de alguns dos escritos que contribuíram para a consolidação do ideal de unidade pan-africana¹⁴.

A preocupação com a inserção do negro na sociedade capitalista, pós-escravista americana e suas ações embasadas no tripé: “propriedade material, respeitabilidade social e instrução industrial” apontava a economia como caminho central da organização da comunidade afro-americana dentro da estratégia Pan-africana de T.Washington, podendo creditar a este a construção do *pan-africanismo econômico*, ou seja, na visão de Booker T, a utilização da economia como justificativa de enfrentamento do contexto capitalista era a tática mais apropriada para a organização do projeto de unidade pan-africana. Por outro lado, a estratégia advogada por T.Washington foi alvo de contestações por parte de diversas organizações do movimento negro afro-americano, precisamente, da NAACP de Dubois que considerava a *filosofia Tuskegee* subserviente e inerte.

Por outro lado, os membros da organização de T.Washington, ironizavam as ações da NAACP como uma forma de atuação que objetivava a manutenção e a preservação da reduzida elite negra traduzindo as duas últimas letras da sigla NAACP, que significa *Associação para o Avanço das Pessoas de Cor*, para *Associação para o Avanço de Certas Pessoas* como forma de atingir Dubois, sendo o CP, respectivamente “*Certain People*”.

4 – O Pan-africanismo religioso: Edward Wilmot Blyden, Alexander Crummel

Edward Wilmot Blyden (1832-1912) nasceu em Saint-Thomas, Pequenas Antilhas (Ilhas Virgens). Na transição entre sua infância e adolescência, Blyden decidiu se tornar padre emigrando para os Estados Unidos em 1850 para ver o seu sonho frustrado ao ter sua admissão recusada em uma escola teológica de nível superior por causa de sua cor. Tendo confrontado de maneira precoce o segregacionismo estadunidense, a recusa de Blyden serviu como estímulo para uma mudança radical em seu posicionamento político¹⁵.

Após ser recusado nos Estados Unidos, em 1851, Blyden migrou para a Libéria – país africano que alcançou sua independência em 1847 – onde deu prosseguimento em seus estudos no

14 Idem.

15 LOPES, Ney. *A enciclopédia da diáspora africana*. São Paulo: Selo negro, 2004, p.126.

Alexander High School (Monróvia) onde conseguiu seu diploma em 1858 e foi ordenado ministro presbiteriano. Como educador, Blyden foi nomeado professor (1862) de clássicos no recém-inaugurado *Liberia College*, onde atuou até 1871. Exceto a sua formação na escola de nível superior *Alexander High School*, Blyden tornou-se autodidata nas áreas de conhecimento da linguística, história, sociologia e teologia, acumulando, além de suas atividades de professor, posteriormente, o cargo de secretário de estado da Libéria recém-independente¹⁶.

Explorador, Blyden liderou diversas missões, sem sucesso, ao interior do Futa Jalon¹⁷. Retornando a Libéria, entre 1874 e 1885, Edward Blyden ocupou uma variedade de altos cargos governamentais. Depois desse período, compartilhou seu tempo e suas atividades entre a Libéria, as colônias britânicas, Serra Leoa e Lagos, onde atuou (1896-1897) como representante do governo inglês para assuntos indígenas. Como jornalista, Blyden deu contribuição incomensurável ao escrever cotidianamente para um dos mais antigos jornais propagadores do nacionalismo nigeriano, o *Lagos Weekly Record*. Na capital de Serra Leoa (Freetown) Edward auxiliou na criação (1884) do *Serra Leoa News* com o objetivo, segundo ele: “*de servir aos interesses da África ocidental e da raça em geral*”¹⁸.

Da mesma maneira, ele ajudou a fundar e editar o Freetown Repórter West African (Freetown repórter da África Ocidental) entre 1874-1872, com objetivos explícitos de colocar em prática os objetivos da unidade *pan-africana* ao afirmar que: “*objetivo era forjar um vínculo com os africanos ocidentais que falam inglês*”¹⁹. Nutrindo simpatia pelo islamismo e decepcionado com as ações e atitudes dos missionários cristãos em 1886, Blyden pediu sua demissão da igreja presbiteriana, tornado-se diretor de educação mulçumana entre 1901-1906 com o objetivo de estreitar os complexos laços entre as comunidades africanas cristãs e mulçumanas na África ocidental²⁰.

Como Dubois, Blyden produziu inúmeros escritos que consolidaram ainda mais o pensamento pan-africano sendo que, *Christianity, Islam and the Negro Race* publicado em 1887, estabelece a religião como estratégia organizacional da comunidade africana e da diáspora. Entusiasta da igualdade da raça negra em relação às outras raças, ou seja, “*todos são filhos de*

16 <http://www.bu.edu/missiology/missionary-biography/a-c/blyden-edward-wilmot-1832-1912/>

17 Região da África ocidental, onde se localizou o célebre império constituído pelo grupo étnico Fulani, próximo a Tumbuctu (Mali). Ver: LOPES, Ney. *A enciclopédia da diáspora africana*. São Paulo: Selo negro, 2004, p.287.

18 <http://biography.yourdictionary.com/edward-wilmot-blyden>

19 Idem.

20 Idem.

Deus”, Blyden foi partidário da fundação de um estado moderno que pudesse aglutinar, dar proteção e promover os interesses das populações africanas e da diáspora. Sua crença na unidade cristã dá a Blyden assim, como a Alexander Crummel e o rastafarianismo, a responsabilidade da fundação e consolidação do *Pan-africanismo religioso*. Blyden morreu em Freetown em 7 de fevereiro de 1912, deixando um legado incomensurável para a evolução e concretização do pensamento pan-africanista²¹.

Alexander Crummell

Assim como Blyden, Alexander Crummel (1819-1898)²² – mesmo não acompanhando a evolução e consolidação da ideologia pan-africana, pois faleceu antes da organização da primeira conferência pan-africana 1900 - foi outro expoente que utilizou a religião como uma estratégia para concretização do pensamento de unidade racial com a construção de um estado. Filho de um escravizado africano que havia sido príncipe na África e de uma mãe liberta, Crummel nasceu em New York. Semelhante a experiência de Blyden, por motivos relacionados à sua ascendência africana, teve sua admissão negada no seminário teológico²³.

Após confrontar, de forma explícita, a segregação racial que predominava no ambiente estadunidense, seus pais contrataram professores particulares para educá-lo em casa passando, posteriormente, a ser educado na diocese de Massachussets. Em 1842 conseguiu ser diplomado diácono e dois anos depois foi indicado para o sacerdócio pelo bispo de Delaware. Três anos depois de ser ordenado bispo episcopal em Church (1844), fundou uma missão na Filadélfia onde deu os primeiros passos na política organizando campanhas de defesa de voto para os negros e em favor do fim da escravidão nos Estados Unidos. Por esse motivo Crummel foi excluído da diocese da Pensilvânia e tomou o caminho da Inglaterra onde adentrou a universidade de Cambridge em 1853²⁴.

Após a obtenção do diploma na universidade inglesa embarcou para Libéria onde passaria um período de vinte anos atuando como professor e prelado. Defensor da ideia de renascimento moral e espiritual da comunidade afro-americana enxergava a Libéria como o espaço ideal para o início da “missão”. Naquele contexto, interpretava o território liberiano como o espaço que

21 Idem.

22 LOPES, Ney. *A enciclopédia da diáspora africana*. São Paulo: Selo negro, 2004, p.216.

23 http://www.episcopalarchives.org/Afro-Anglican_history/exhibit/leadership/crummell.php

24 Idem.

apresentava condições propícias para *a criação de um estado negro cristão* – percebe-se aqui a relação de Crummel com o que viria ser, posteriormente, o pensamento da construção dos ideais pan-africanos - que pudesse propiciar, juntamente com a igreja episcopal, a elevação racial e a disciplina moral e racional²⁵. Dessa maneira, pode-se entender a importância de Alexander Crummel na idealização de um *proto pan-africanismo religioso*.

No estado cristão pensador por Crummell enfatizar-se-ia o desenvolvimento agrícola, a abertura da evangelização para o interior, a educação cristã das mulheres, o comércio nacional e internacional, a construção e a difusão de bibliotecas públicas, além de outros benefícios que pudessem elevar, moralmente, a “raça” negra. Um dos assuntos de maior fragilidade no pensamento de Crummell - e que nos dias correntes serve como embasamento para crítica de variados autores²⁶, é a concepção de “pureza racial” que Alexander coadunava. Essa concepção fica explícita após a reconstrução da missão episcopal liberiana quando o governo inicia um processo de concentração de poder e recursos em mãos da elite crioula (mulata) liberiana²⁷.

Considerando-se um “negro puro” Alexander Crummell identificou-se com os interesses indígenas colocando-se como obstáculo contra os interesses governamentais, posicionamento que o obrigou a retornar aos Estados Unidos após ter sua vida ameaçada tornando-se reitor da Universidade de St. Luke, Washington, até 1894 e professor na Universidade negra de Howard entre 1895-1897. Desse modo, dando prosseguimento a sua produção acadêmico-religiosa, Crummel fundou a academia americana do negro, um ano antes de sua morte em 1897²⁸.

5 – Marcus Garvey: universalização e radicalização da unidade pan-africana

Antes de discorrer sobre a vida, obra e pensamento do mais destacado teórico pan-africano, duas observações devem ser feitas. A primeira, é que há um consenso entre os teóricos pan-africanistas, até aqui mencionados, sobre a necessidade de criação de um estado que pudesse aglutinar as comunidades africanas e diaspóricas no sentido de proporcionar o fortalecimento dos vínculos de ancestralidade e melhoria das condições de vida no âmbito internacional. Os desacordos dizem respeito às estratégias, reverberadas na diversidade de estratégias adotadas por cada um destes. Exceto Silvester Williams, o fundador, cada pensador optou por uma tática que nos seus

25 Idem.

26 Uma das críticas a utilização do conceito de raça por Crummell encontra-se no primeiro capítulo do livro de: APPIAH, Kawame Anthony. *Na casa de meu pai*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

27 http://www.dacb.org/stories/liberia/crummel_alexander2.html

28 Idem

respectivos entendimentos, melhor pavimentaria o caminho da construção da unidade pan-africana.

Dubois apostou na educação, Booker T apropriou-se da economia, Blynden e Crummel optaram pela religião, N’Kruma e Padmore tentaram o socialismo, porém todos eles a partir de suas análises conjunturais forneceram contribuições imensuráveis para evolução e consolidação do pensamento pan-africanista no século XX. É importante mencionar essas estratégias, pois, elas apresentam-se como o primeiro passo para o entendimento da proeminência de Marcus Garvey e da universalização do pensamento pan-africano. Garvey ultrapassou do seu tempo, isolando-se dos outros pensadores pan-africanos que o antecederam, por conseguir reunir em um único projeto todas as estratégias anteriores. Se Dubois via a educação como caminho, se Booker T, privilegiou a economia, se Blynden e Crummel apostaram na religião, Garvey, em sua vez, falará de um projeto universal, de um projeto que pudesse reunir política, educação, economia, religião, cultura, militarismo para a construção dos Estados Unidos da África. Dessa maneira, coube a Marcus Garvey a radicalização do projeto pan-africano.

A segunda observação diz respeito ao espaço ocupado por Garvey no interior do axioma pan-africano. Garvey representa um divisor de águas por dois motivos. Nele encerra-se a fase pioneira da edificação pan-africana (1940) ao mesmo tempo em que inaugura a fase de concretização e difusão do pensamento a partir de seu projeto²⁹. Por esses e outros motivos o pensamento garveista é considerado o momento de maior maturidade do pensamento pan-africano no século XX.

Marcus Mosiah Garvey (1887-1940) nasceu na Jamaica, no distrito de Saint Ann’s Bay – mesma localidade onde nasceria Bob Marley cinquenta e oito anos mais tarde – e faleceu em Londres, exilado, em 10 de Junho de 1940³⁰. Visionário, excelente orador, político e empresário, na infância, frequentou a escola infantil do lugar onde nasceu sendo considerado um aluno exemplar. Paralelo à educação escolar Garvey recebeu instrução particular do seu padrinho Alfred Burrowes que naquele contexto era proprietário de uma gráfica. Logo, Garvey tornou-se aprendiz de tipógrafo³¹.

Do pai, assim como do padrinho, Garvey herdou o amor pelos livros, pois ambos eram possuidores de excelentes bibliotecas. Foi a partir da biblioteca e da oficina que Garvey tornou-se

29 GARVEY, Amy Jacques. *Garvey and Garveysm*. Londres: Collier-MacMillan Ltd, 1963\1968.

30 LOPES, Ney. *A enciclopédia da diáspora africana*. São Paulo: Selo negro, 2004, p.295.

31 <http://www.theunia-acl.com/index.php/marcus-garvey-1887-1940>

familiar com a política e manteve contato com diversas pessoas que as frequentavam. Marcado por uma experiência racista – Garvey foi proibido de manter contato, através de cartas, com uma vizinha “branca” que havia sido enviada para Inglaterra por sua família o considerá-lo como *nigger*³² - Garvey percebeu a “linha demarcatória” que estabelecia a cisão entre negros e brancos na sociedade jamaicana.

Em 1906, deixou o distrito onde nasceu em direção a Kingston (capital da Jamaica) com o objetivo de melhorar de vida. Sua experiência na tipografia do padrinho abriu caminho para que pudesse iniciar sua vida em Kingston trabalhando com um parente materno e posteriormente na empresa *P.A. Benjamin Limited* na secção de composição de impressão. Dessa maneira, em 1907, tornou-se excelente impressor e contra mestre³³.

No ano seguinte, em 1908, os empregados da empresa onde Garvey trabalhava deram início a uma greve onde Garvey obteve sua primeira experiência político-sindical ao aderir ao movimento de paralisação, mesmo recebendo proposta de aumento salarial, caso “furasse” a greve. Sua participação no movimento, além de render a perda de seu emprego, colocou em uma lista de “grevistas” que dali para frente ficaria impedidos de conseguir emprego em qualquer instituição tipográfica particular. É nesse contexto que se percebe a radicalização da vida política de Marcus Garvey. Migrando para os Estados Unidos – depois de passar por vários países da América Central e do Sul, onde percebeu as péssimas condições de trabalho as quais os negros estavam inseridas – Garvey inicia a implantação das bases da Universal Negro Improvement Association - UNIA³⁴, entidade que próximo de 6 milhões de membros associados³⁵

Com o propósito de constituir os Estados Unidos da África, Garvey advogou o retorno para África dos africanos e seus descendentes, nesse sentido ele organizou a *Black Star Line*³⁶, uma empresa de navios a vapor para repatriar as pessoas de ascendência africana de todas as partes do mundo para África³⁷. Em 1916, transferiu a UNIA para os Estados Unidos, onde organizou o jornal

32 Vocábulo correspondente ao crioulo no Brasil. Usado por brancos em relação a negros de maneira altamente ofensiva. Ver: LOPES, Ney. *A enciclopédia da diáspora africana*. São Paulo: Selo negro, 2004, p.479.

33 <http://www.theunia-acl.com/index.php/marcus-garvey-1887-1940>

34 Associação Universal para o Progresso do Negro, ver: LOPES, Ney. *A enciclopédia da diáspora africana*. São Paulo: Selo negro, 2004, p.295.

35 Idem.

36 Linhas estrela negra, ver: JAMES, C.L.R. *Os jacobinos negros: Toussaint L'ouverture e a revolução de São Domingos*: São Paulo: Boitempo, 2000, p.349.

37 Idem.

semanal *The Negro World*, instrumento para a difusão das ideias pan-africanas³⁸. A década de vinte consolida definitivamente o movimento garveista. Em 1920, a UNIA organizaria seu primeiro congresso nacional, e devido a suas atividades e organização política, Garvey é preso sob acusação infundada de uso indevido dos correios. Por esse motivo Garvey seria deportado para Jamaica sob a acusação de fraude fiscal³⁹.

Retornando à Jamaica, enfraquecido politicamente por seus adversários, exilou-se em Londres de onde condenou a subserviência e a omissão de Hailé Selassié frente à invasão da Etiópia pelo exército fascista italiano comandado por Benito Mussolini. Sua oposição a Selassié ocasionou o afastamento de muitos de seus seguidores. Em 10 de Junho de 1940 Garvey faleceu na Inglaterra no ostracismo de maneira que, só em 1964, seus restos mortais foram transportados para a Jamaica e sua memória reconduzida como um exemplar herói nacional⁴⁰.

Um fato chama atenção na vida política de Marcus Garvey: ele nunca pôs os pés na África e não falava nenhuma língua africana, porém, sua concepção de África parecia ser a de umas das regiões das Índias Ocidentais (Jamaica) e de suas populações multiplicadas por um milhão. Garvey conseguiu levar as populações africanas e da diáspora a ideia de que o continente africano, já no início do século XX, fora a origem e o lar de uma civilização grandiosa e voltaria a sê-lo novamente. Quando se considera a ausência de recursos que Garvey confrontava, as forças materiais e concêntricas que implicitamente tentavam pulverizá-lo, suas atitudes e posicionamentos passam a compor o conjunto dos milagres propagandísticos do século XX⁴¹.

O pensamento garveísta reverberou no interior do continente africano. Um exemplo da dimensão do alcance de seu pensamento foi que em certa ocasião o Rei da Suazilândia comentou com Ammy Jacques Garvey (esposa de Garvey) que conhecia apenas o nome de dois homens no ocidente. O de Jack Jonhson – boxeador que havia derrotado o branco Jim Jeffries -, e o de Marcus Garvey. Jomo Kenyatta⁴² em conversa pessoal com C.L.R.James, afirmou que na década de vinte do século passado os nacionalistas, não sabendo ler, se reuniam ao redor de um leitor do jornal de Garvey – o negro World – e ouviam a leitura do artigo uma, duas ou até três vezes, em seguida adentravam a floresta para repetir com cuidado o que haviam memorizado para os outros africanos

38 Idem.

39 Idem.

40 LOPES, Ney. *A enciclopédia da diáspora africana*. São Paulo: Selo negro, 2004, p.295.

41 JAMES, C.L.R. *Os jacobinos negros: Toussaint L'ouverture e a revolução de São Domingos*: São Paulo: Boitempo, 2000, p.350.

42 LOPES, Ney. *A enciclopédia da diáspora africana*. São Paulo: Selo negro, 2004, p.295.

ansiosos por uma ideologia que servisse como justificativa para libertação de suas consciências da prisão colonial em que encontravam-se submetidos⁴³.

Kawame Nkrumah, o primeiro ministro da Costa do Ouro independente (atual Gana), na época em que era estudante de pós-graduação de História e Filosofia em duas universidades dos Estados Unidos confessou que, de todos os autores a que teve acesso e que influenciaram em sua formação, Marcus Garvey ocupava o primeiro lugar. Garvey tinha plena convicção de que a luta das populações africanas e da diáspora era marginalizada e tratada com desdém. Em pouco mais de cinco anos Garvey conseguiu êxito incomensurável ao reconduzir essa luta ao centro da visibilidade e da consciência política internacional⁴⁴.

6 – Rastafarianismo e a difusão do pan-africanismo religioso

Embora Alexander Crummell e Edward Wilmot Blyden tenham ocupado lugar de destaque na evolução do pensamento pan-africano ao apontarem a religião como um caminho para a organização da unidade, a religião, como uma estratégia de organização, só viria a ganhar visibilidade e reconhecimento internacional anos mais tarde, após a morte de Marcus Garvey (1940) com a criação, evolução e consolidação do *rastafarianismo* por antigos membros do movimento garveista. A religião rastafári tem sua origem após a dispersão do movimento garveista em 1940. Sua nomenclatura (ras, que significa príncipe) tem a finalidade de homenagear *Tafari Makonen* que após a sua coroação em 1932, recebeu o título de primeiro imperador da Etiópia Hailé Selassié⁴⁵.

O surgimento da religião rastafári não pode ser compreendido dissociado da perspectiva histórica. Nesse sentido, há que se ater a dois momentos: o primeiro, anterior à era cristã com a ascensão do estado de *Axum*⁴⁶ e o segundo com o contexto do período entre as duas guerras no século XX. Vamos ao primeiro. Axum é o nome antigo do atual país africano Etiópia e serve como referencial ao entendimento da origem da religião. De todos os países do continente africano no contexto da neocolonização e partilha da África, a Etiópia foi o único espaço que se preservou das investidas escravistas e neocoloniais. Dessa maneira a Etiópia constituiu-se como referencial de

43 JAMES, C.L.R. *Os jacobinos negros: Toussaint L'ouverture e a revolução de São Domingos*: São Paulo: Boitempo, 2000, p.350.

44 JAMES, C.L.R. *Os jacobinos negros: Toussaint L'ouverture e a revolução de São Domingos*: São Paulo: Boitempo, 2000, p.350.

45 LOPES, Ney. *A enciclopédia da diáspora africana*. São Paulo: Selo negro, 2004, p.559.

46 Mais informações sobre o estado antigo de Axum, ver: ANFRAY, F. A civilização de Axum do século I ao século VII. In: MOKHTAR, Gamal (Org.). *História Geral da África*. Brasília: UNESCO, 2010, pp.430-452. (Vol.II – África antiga)

resistência para todo continente africano⁴⁷.

A religião rastafári⁴⁸ apropria-se da história antiga da África para constituir-se ao afirmar que Menelik I, segundo evidências bíblicas, fundador do antigo estado africano seria primogênito da rainha de Sabá, etnicamente pertencente ao povo Sabeu e descendente direta de *Sheba* (ou *Seba*), netos de *Cam* e bisneta de Noé. Sabá é conhecida biblicamente como Makeda ou Judite, além de ser a esposa do rei Davi. É dessa relação entre a África e o Oriente Médio que se originará a descendência salomônica na África que se estenderá do século IV, antes da era Cristã, até 1932, ano que Hailé Selassié será coroado⁴⁹. Selassié, dessa maneira, representa o ducentésimo, vigésimo sexto rei da descendência salomônica⁵⁰.

A história dessa linhagem será reapropriada na contemporaneidade com o advento do projeto garveista, precisamente, após a sua morte, por membros do seu antigo movimento, dispersos, naquele contexto, por todo território jamaicano. O pan-africanismo garveista, a partir de uma visão negra, passou a reinterpretar os acontecimentos históricos de maneira a elevar a auto-estima da comunidade africana e diaspórica em nível planetário. A bíblia foi reinterpretada por Marcus Garvey de forma a anunciar que os etíopes eram o povo escolhido por Deus em oposição a babilônia, entendida por Garvey como a perversão e a decadência do mundo euro-ocidental. Garvey, no âmbito visionário, anunciava a chegada de um messias etíope que socorreria o povo negro e os auxiliaria no retorno para o continente africano⁵¹.

Quando Selassié – também designado “leão de Judá” - foi coroado rei nos anos trinta do século passado, muitos seguidores do movimento garveista tiveram a certeza de que a profecia de Garvey que pregava: “*Eis que o leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, venceu para abrir o livro e seus sete selos*”, havia sido confirmada. A partir dessa afirmação, Hailé Selassié teve sua imagem associada a Deus, sendo encarado pelos antigos seguidores garveistas - que haviam criado um sistema religioso e filosófico o qual se autodenominavam - se *rastafaris*⁵² - como seu representante na terra. Entre a morte de Garvey (1940) e os anos 80 do século passado o rastafarianismo se difundiu pelas regiões mais pobres de Kingston, e além dela, tendo o líder religioso *Leonard*

47 LOPES, Ney. *A enciclopédia da diáspora africana*. São Paulo: Selo negro, 2004, p.559.

48 WHITE, Timothy. *Queimando Tudo: a biografia definitiva de Bob Marley*. 6. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

49 Kebra Nagast: a glória dos reis (a verdadeira arca da alinça)

50 WHITE, Timothy. *Queimando Tudo: a biografia definitiva de Bob Marley*. 6. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2008

51 LOPES, Ney. *A enciclopédia da diáspora africana*. São Paulo: Selo negro, 2004, p.559-560.

52 CHEVANNES, Barry. *Rastafari: roots and ideology*. New York: Syracuse University Press, 1994.

Howell – que havia vivido em Gana com os *Axanti*⁵³ no final do século XIX – fundado no bispado de Saint Thomas uma comunidade rastafári denominada *The Pinnacle* (o auge)⁵⁴.

A introdução de ritmos e dos cânticos da tradição oral jamaicana (*Kamina*) e sua expansão, além de consolidar, definitivamente, a religião rastafari e a *Howell* como liderança central do movimento, resignificaria a mesma, ao inserir as cores vermelha, amarelo, verde e preto, (que na circunstância passara a simbolizar a libertação africana que se iniciara em Gana em 1957) em seus tambores. Esses tambores denominados como *burru set*, juntamente com o *cincerro*, *pandeiros* e *reco-recos* completam a orquestra que marca a base do ritmo denominado *nyabinghi*⁵⁵. Como regras da religião, os rastafaris advogam a paz e a busca da virtude em qualquer circunstância⁵⁶.

Como justificativa para não cortar os cabelos e conservá-los em tranças como parte de seus tabus religiosos, bem como, forma de assemelharem-se a juba de um leão para simbolizar o leão conquistador da tribo de Judá, os rastafaris amparam-se no capítulo dezenove, versículo dezessete do livro Levítico, que diz: “*Não cortareis o cabelo, arredondado os cantos da vossa cabeça, nem danificareis as extremidades de tua barba*”. Usam *maconha* (*Kaya*) entendida por eles como uma forma de dialogo com *Jah*, Deus da religião rastafari. Organizam reuniões religiosas onde refletem sobre os versículos bíblicos através de músicas e cânticos⁵⁷.

Em fins dos anos cinquenta e início da década de 1960, paralelo ao processo de independência da Jamaica (1962) há uma conversão massiva da juventude jamaicana a religião rastafari a qual dá início a uma violenta perseguição, pois, como a religião rastafari entendia o mundo euro-ocidental e suas práticas como oriundos da Babilônia eles abstinham-se de quaisquer práticas que os ligassem a ela. Nesse sentido o fato de os rastafari não participarem do processo do sufrágio, tornava-se um grave problema quando se considerava as primeiras eleições em uma Jamaica pós-independente. Assim, a perseguição policial organizada pelo governo colonial britânico em 1954, além de destruir a comunidade rastafari *the Pinnacle*, repudia toda e qualquer forma de representação que estivesse associada a tais práticas religiosas⁵⁸.

Com a fusão dos ritmos *calipso* (jamaicano), *rock'n roll* e *soul music* (americanos) e o

53 Aportuguesamento do nome *Asante*, pelo qual são conhecidos uma região e um grupo étnico da república do Gana na África ocidental, ver: LOPES, Ney. *A enciclopédia da diáspora africana*. São Paulo: Selo negro, 2004, p.82.

54 LOPES, Ney. *A enciclopédia da diáspora africana*. São Paulo: Selo negro, 2004, p.559-560.

55 Idem.

56 Idem.

57 Idem.

58 WHITE, Timothy. *Queimando Tudo: a biografia definitiva de Bob Marley*. 6. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2008

advento da música *reggae* entre o fim dos anos sessenta e início da década de 1970, não só o novo ritmo jamaicano, bem como a religião rastafari e o pan-africanismo religioso amalgamado aos discursos garveistas cantados nas letras de *Bob Marley*⁵⁹, seu principal difusor, ganham visibilidade internacional jamais presenciada no mundo negro diaspórico. Logo, interessante perceber que embora as bases do *pan-africanismo religioso* tenham sido plantadas na primeira metade do século passado, somente no último quartel do mesmo século a utilização da religião como uma estratégia de constituição de um estado pan-africano alcança o reconhecimento internacional.

7 – George Padmore, Kawame N’Kruma e o Pan-africanismo socialista

Nascido em Tacariga, Trinidad e Tobago (1902-1959), George Padmore era o pseudônimo pelo qual atendia Malcolm Ivan Meredith Nurse⁶⁰. Migrado para os Estados Unidos na primeira metade do século XX, sua vida política foi um reflexo das tensões existentes entre as vertentes políticas que influenciaram os pensadores africanos e da diáspora no século XX⁶¹. Após a sua chegada aos Estados Unidos Padmore identificou-se com a ideologia comunista sendo posteriormente transferido para Moscou com a incumbência de administrar o Departamento Comunista de Propaganda e Organização do Povo Negro, onde evidenciou sua competência e capacidade de liderança tornando-se o mais conhecido e creditado agitador e defensor dos movimentos de libertação da África⁶².

Em 1935 a formulação da política externa tinha definido que Inglaterra e França podiam ser consideradas como “imperialismos democráticos”, separando-se do Japão e da Alemanha que, de acordo com a interpretação do corpo diplomático russo, compunham o “eixo fascista”, alvo da publicidade russo-comunista. Esse posicionamento diplomático russo pôs a prova todos os esforços realizados por Padmore em favor da libertação dos países africanos, já que, nem o Japão, nem a Alemanha possuíam colônias na África⁶³. A postura da política externa russa explicitou as contradições da ideologia comunista frente aos países capitalistas, bem como, questionou, radicalmente, a possibilidade de utilização do comunismo como uma estratégia de para libertação

59 Idem.

60 LOPES, Ney. *A enciclopédia da diáspora africana*. São Paulo: Selo negro, 2004, p.506-507.

61 FINCH, Charles S; NACIMENTO, Elisa Larkin, I.N. de (Org). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. Vol.4. São Paulo: Selo negro, 2009, p.48.

62 JAMES, C.L.R. *Os jacobinos negros: Toussaint L’ouverture e a revolução de São Domingos*: São Paulo: Boitempo, 2000, p.350.

63 JAMES, C.L.R. *Os jacobinos negros: Toussaint L’ouverture e a revolução de São Domingos*: São Paulo: Boitempo, 2000, p.350.

dos países africanos⁶⁴. Padmore percebeu que mesmo os intelectuais marxistas sendo aliados do movimento negro internacional, estes não realizavam ações específicas de combate ao racismo e ao preconceito racial em favor das populações africanas, temendo provocar “divisões” no interior da classe operária⁶⁵.

Outra decepção de Padmore foi compreender que o neocolonialismo, principal obstáculo no caminho da libertação dos países africanos, era secundarizado pela política externa russa sendo utilizado como “massa de manobra” em favor dos seus interesses econômicos e dos interesses de alianças políticas fugazes. Nesse contexto, Padmore escreve uma profunda crítica - *Pan-africanism or comunism*⁶⁶ - perguntando qual seria a melhor estratégia ideológica a ser adotada para a rápida descolonização do continente africano⁶⁷. Essa condenação assinala o rompimento definitivo de Padmore com o partido comunista soviético, transferindo-se para Londres, onde passou a viver de escritos jornalísticos não ganhando o suficiente para levar adiante as ações políticas, a qual tinha iniciado dentro do partido comunista soviético⁶⁸.

Em Londres Padmore redigiu livros, panfletos, frequentou diversas reuniões de organizações anti-imperialistas, fez discursos e levou adiante o quanto pôde a causa da libertação dos países africanos. Organizou redes de contato com inúmeros nacionalistas no continente africano e em outras partes do mundo. Pregou e ensinou pan-africanismo constituindo um escritório, além de fundar e editar um periódico dedicado, especialmente, a causa da libertação africana. Por questões de tempo e espaço, não há condições de descrever aqui as ações realizadas pelo escritório de Padmore, mas deve-se destacar sua singularidade como a única organização africana em plena atividade no período entre as duas guerras. Dos sete componentes que dirigiam o escritório, cinco era das índias ocidentais sendo que naquela altura apenas Padmore não conhecia o continente africano.

A estraneidade geográfica não impediu, por outro lado, que os laços entre N’kruma – na ocasião, estudante de direito em Londres – e Padmore fossem estreitados a ponto de transferirem o escritório para a antiga Costa do Ouro (atual Gana) e organizarem as estratégias que culminariam com Nkrumah dirigindo a libertação do primeiro país da África subsaariana a alcançar a “liberdade”

64 Idem.

65 FINCH, Charles S; NACIMENTO, Elisa Larkin, I.N. de (Org). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. Vol.4. São Paulo: Selo negro, 2009, p.48.

66 PADMORE, George. *Pan-africanism or comunism*;

67 JAMES, C.L.R. *Os jacobinos negros: Toussaint L’ouverture e a revolução de São Domingos*: São Paulo: Boitempo, 2000, p.350.

68 Idem

do julgo neocolonial⁶⁹. Padmore morreu em 1959 e na cerimônia de suas exéquias, oito países enviaram representantes a seu funeral em Londres e, posteriormente, suas cinzas foram enviadas a Gana. Cabe destacar que, no país das expressões e reivindicações políticas, não tenha havido manifestação política de tamanha envergadura como houve na de Padmore. Camponeses os quais não se tinha informação de que tivessem conhecimento das atividades do líder, viajaram até Acra (capital de Gana) para prestar uma última homenagem ao negro das Índias Ocidentais que dedicara sua vida para libertação do povo⁷⁰.

8 – N’Kruma e o governo pan-africano socialista

Nascido Francis *Nwia-Kofi Ngonloma*, em 21 de setembro de 1909 e depois da independência renomeado *Osagyefo* (vitorioso) Kawame Nkrumah, estudou adquiriu educação católica dirigindo-se, posteriormente, para cursar educação superior nos Estados Unidos e na Inglaterra. Iniciando seus estudos em uma escola, *Achimota School*, frequentada pelos filhos da elite ganense, N’Kruma frequentou o seminário Católico Romano, ensinando depois em uma escola católica em *Axim*. Dirigiu-se aos Estados Unidos em 1935 para cursar o bacharelado na Lincoln University, Pensilvânia, onde em 1939 iniciou outros estudos na comunidade na Fraternidade *Fi Beta Sigma*, onde adquiriu o bacharelado em teologia sacra e um mestrado em educação na mesma Pensilvânia University⁷¹.

Quando estudante de graduação N’Kruma teve uma experiência como roteirista de teatro dando início a sua produção acadêmica publicando ensaios e artigos sobre o governo colonial na África no jornal estudantil *The Lincolnian*. Em 1943, na mesma instituição obteve outro mestrado em filosofia. Destacado orador e analista político foi eleito presidente da Organização dos Estudantes Africanos dos Estados Unidos e do Canadá⁷².

Enquanto esteve nos Estados Unidos Kruma proferiu palestras nas igrejas presbiterianas negras da Filadélfia e Nova York. Realizando tutoria, estudando religião e política, N’Kruma deparou-se com o pensamento pan-africano e a vertente garveista conhecendo George Padmore antes do mesmo dirigir-se para Inglaterra. Em 1943, Nkrumah lançou as bases de sua militância socialista ao entrar em contato com os marxistas C.L.R. James (Trinidade e Tobago), o exilados

69 JAMES, C.L.R. *Os jacobinos negros: Toussaint L’ouverture e a revolução de São Domingos*: São Paulo: Boitempo, 2000, p.350.

70 Idem.

71 <http://www.ghanaweb.com/GhanaHomePage/people/person.php?ID=177>

72 <http://www.ghanaweb.com/GhanaHomePage/people/person.php?ID=177>

russo Raya Dunayevskaya e o sino-americano Grace Lee Boggs, que eram membros de um grupo de intelectuais trotskistas baseados nos Estados Unidos. Chegando a Londres em 1945 com a pretensão de estudar na escola londrina de estudos econômicos (London School Economics), Nkrumah reencontra Padmore onde juntos passam a compor a comissão organizadora do V Congresso Pan-africano⁷³.

Essa reunião, ao sair da teoria e concretizar-se na prática, segundo o próprio Nkrumah, representou o apogeu da maturidade política do pensamento pan-africano, assim como, o nacionalismo, logo:

O pan-africanismo e o nacionalismo africano receberam uma expressão verdadeiramente concreta no V Congresso Pan-africano, que se reuniu em Manchester, em 1945. Pela primeira vez, insistia-se na necessidade da existência de movimentos bem organizados e firmemente unidos, como condição do sucesso da luta pela libertação nacional em África. Este congresso reuniu mais de 200 delegados do mundo inteiro. George Padmore e eu próprio fomos secretários da comissão de organização que traçou o plano do congresso, e ficamos bastante satisfeitos com os resultados do nosso trabalho (...)⁷⁴.

Dessa reunião saíam as diretrizes que norteariam as independências do continente africano com a Costa do Ouro (atual Gana) através de Nkrumah ampliando a ideia Garveista da construção dos Estados Unidos da África, inserindo o socialismo como um novo componente e constituindo um “novo” projeto de construção dos Estados Unidos da África Socialista, como concluiu Nkrumah em seu livro *a luta de classe em África*⁷⁵. Naquele contexto, o dirigente africano explicitou o espaço de protagonismo ocupado pelos revolucionários do mundo negro na descolonização e na concretização do projeto mencionado, bem como, as condições para a satisfação dos africanos em âmbito mundial, assim:

O objetivo principal dos revolucionários do mundo negro deve ser a libertação e a unificação totais da África sob a direção de um governo pan-africano socialista. É um objetivo que satisfará as aspirações dos povos africanos em todo o mundo⁷⁶.

Após retornar à Costa do Ouro (1947) e fixar as bases para o início da descolonização, Nkrumah foi solicitado para ocupar o cargo de Secretário Geral do Convenção da Costa do Ouro

73 Idem.

74 KWAME Nkrumah. *A África deve unir-se*. Lisboa: Ulmeiro, 1977, P.153.

75 KWAME Nkrumah. *A Luta de classes em África*. Lisboa: Livraria Sá da Costa editora, 1977, p.107.

76 Idem.

(UGCC), dirigido por Joseph B. Danquah⁷⁷ que já havia dado início a exploração dos caminhos para a independência. Um ano depois da chegada de Nkrumah uma manifestação de ex-militares que reivindicavam melhoria de vida para população resultou na morte de alguns militares e na prisão de Kruma por parte do governo colonial por suspeitas de seu envolvimento. Após apurarem o não envolvimento de Nkrumah com os motins o governo britânico decide libertá-lo, assim, ao sair da prisão Osagyefo é transformado no referencial de luta contra a dominação colonial na Costa do Ouro⁷⁸.

Após a saída da prisão, Nkrumah percorreu todo o país associando a solidariedade da população à causa da liberdade. Os produtores de cacau que eram contrários à maneira como o governo britânico combatia a “praga” da lavoura, assim como as mulheres que foram conclamadas a votar pela primeira vez, juntaram-se ao movimento do Osagyefo. Quando os sindicatos fundiram-se com o movimento de Nkrumah ele criou o *Partido da Convenção Popular* ou *Convention People Party* (CPP), em sua sigla em inglês. Em seguida, os britânicos formaram uma comissão, composta por pessoas da classe média ganense. Em oposição a essa atitude política, Nkrumah formou outra comissão composta por sindicalistas, agricultores e veteranos militares e propôs que o voto não estivesse associado com a quantidade de riquezas e propriedades como queriam os britânicos. Dessa maneira a proposta de Nkrumah foi rejeitada em 1949⁷⁹.

A partir daí Nkrumah organizou uma série de protestos e ações de desobediência civil que culminaria na independência da Costa do Ouro em 1957. Três anos depois de assumir a presidência (6 de março de 1960) Nkrumah redigiu a constituição que transformou Gana em uma república. Com a saída dos quadros britânicos em 1961 Osagyefo erigiu o *Instituto Ideológico Kwame Nkrumah* no intuito de formar quadros africanos e estimular a difusão da ideia de unidade africana. A década de 1950 representou o início das dificuldades políticas enfrentadas pelo governo de Nkrumah. O aumento do preço do cacau de 150 para 450 dólares a tonelada, por um lado, favoreceu os produtores ganenses⁸⁰.

Por outro lado, a elevação das receitas fez com que o governo reinvestisse o capital acumulado em uma diversidade de obras de infraestrutura, não favorecendo o investimento de outros segmentos. Uma série de restrições democráticas fez o carisma do governo Nkrumah

77 FINCH, Charles S; NACIMENTO, Elisa Larkin, I.N. de (Org). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. Vol.4. São Paulo: Selo negro, 2009.

78 <http://www.ghanaweb.com/GhanaHomePage/people/person.php?ID=177>

79 <http://www.ghanaweb.com/GhanaHomePage/people/person.php?ID=177>

80 Idem.

declinar. A pressão da oposição atingiu o seu limite e em fevereiro de 1966, enquanto Nkrumah visitava o Vietnã do norte e a China, o seu governo foi derrubado, com o apoio da CIA, por um triunvirato militar. Deposto, Nkrumah passou a viver na Guiné Conakri (e depois na Romênia) como convidado honorário do presidente Ahmed Sekou Turê não retornando, até sua morte em 1972, ao Gana. Nkrumah morreu em decorrência de consequências de câncer de pele aos 62 anos em Bucareste, capital da Romênia⁸¹.

9 – A utilização do conceito de *raça*⁸² pelo pan-africanismo, Nkrumah, e a crítica do livro *Na casa de meu pai*

O objetivo de traçar a evolução da ideologia pan-africana, até aqui, foi o de sistematizar sua trajetória destacando seus teóricos, bem como, suas principais vertentes políticas, no sentido de enfatizar que o pan-africanismo, precisamente, a tendência defendida por Nkrumah, jamais esteve embasada em uma noção biológica de uma *raça*, e que, embora o uso desse conceito por esses pensadores, em hipótese alguma, indica que os mesmos comungassem da ideia uniformidade biológica como sugerido por Kwame Appiah no prefácio do seu livro, além de que, o uso dessa nomenclatura não foi uma particularidade desses pensadores, mas sim, o uso corrente de uma época.

A ideia de produzir essa crítica surgiu a partir da apresentação de dois capítulos do livro, publicado no Brasil em 1999. Esta apresentação constou como uma das atividades do curso de pós-graduação em Estudos Africanos do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia na disciplina “*seminário de metodologia e prática de pesquisa*”, na ocasião ministrada pelo professor doutor Lívio Sansone⁸³. Após a leitura para apresentação do seminário realizado em sala no dia 21/5/09, algumas considerações imperaram sobre esta produção, considerando as possibilidades abertas no campo das relações raciais, a partir do decreto das Ações Afirmativas, sancionado durante o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso⁸⁴. Dessa maneira, alguns pontos merecem uma observação mais detida.

81 Idem.

82 Para uma abordagem científica e atualizada do conceito de *raça*, ver: OLSON, Steve. *A história da humanidade: desvendando 150 mil anos da nossa trajetória através dos genes*. Rio de Janeiro: Campus editora, 2003, p.255-272.

83 Consultar: <http://lattes.cnpq.br/>

84 Há que ressaltar que no entendimento do autor, a ideia de implementação das Ações Afirmativas, em um primeiro momento, foi pensada pelo governo como alternativa a um empréstimo junto ao Fundo Monetário Internacional – FMI -, já que, a crise asiática originada no Japão em 1998, colocou Brasil em uma situação econômica difícil. Só posteriormente, essa atitude política reverteu-se de fato em lei, devido a uma antiga reivindicação da sociedade civil, principalmente do Movimento Social Negro.

O primeiro delas, ao revelar os diversos mundos a que tinha acesso, bem como, o caminho percorrido por seu pai como africano assimilado pela cultura europeia a caminho do parlamento onde era um dos membros honoráveis, Appiah refere-se a “inimizade” de seu pai com seu antigo aliado e então primeiro ministro de Gana Kwame Nkrumah, logo:

Alguns mundos – o mundo dos tribunais de justiça, para onde meu pai ia, trajando seus escuros ternos europeus e levando a peruca branca dos advogados britânicos (que, depois da independência, ele continuou a usar como no período colonial), sempre com uma rosa do jardim (o jardim de minha mãe); o mundo do parlamento, para onde ele ia nos primeiros anos de que tenho lembrança, *já então como adversário de seu velho amigo Kwame Nkrumah (...)*⁸⁵.

A segunda consideração que merece atenção são as estórias da tradição ganenses contadas por seu pai no período em que se tornara prisioneiro do governo Nkrumah. *Meu pai também nos contava essas histórias anances, algumas recolhidas quando ele fora prisioneiro do governo Nkrumah*⁸⁶. A prisão de seu pai revela o ápice e a intensidade das divergências políticas com o primeiro ministro Nkrumah. A defesa do pan-africanismo “não racista” por seu pai, assim como, a presença dele, juntamente com Du Bois e Nkrumah no V Congresso pan-africano em Manchester, é a terceira consideração que prende nossa atenção, desse modo, Appiah afirma:

Meu pai, penso eu, era um pan-africanista tão completo quanto qualquer um dos dois; mas também nos ensinou, a nós, seus filhos, a sermos tão completamente não tentados pelo racismo quanto ele. E pôde, apesar de seu anti-racismo – apesar do que me inclino a chamar de seu completo a-racismo (...)⁸⁷

Dois pontos nos chamam atenção nessa afirmação de Appiah. O primeiro é deixar implícito que a ideologia direcionadora do projeto das descolonizações africanas é um pensamento do racista. O segundo ponto é que, seu pai, mesmo sabendo da “*tentação racista*” contida no pan-africanismo ainda assim advogou a mesma sendo ao lado de Nkrumah um dos seus principais defensores, advertindo ele e os outros irmãos a não cometerem o mesmo erro que ele. Que contradição!

A presença do conceito de raça no discurso dos primeiros pensadores pan-africanos, precisamente, Alexander Crummel e Dubois, talvez seja a consideração que mereça mais atenção

85 APPIAH, Kawame Anthony. *Na casa de meu pai: África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p.9-10.

86 APPIAH, Kawame Anthony. *Na casa de meu pai: África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p.9-10.

87 APPIAH, Kawame Anthony. *Na casa de meu pai: África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p.12.

sobre o que diz respeito ao pan-africanismo, pois nas palavras de Appiah:

Sustento que a ideia do negro, a ideia de uma raça africana, é um elemento inevitável desse discurso, e que essas noções racialistas fundamentam-se em ideias biológicas precárias – e ideias étnicas ainda piores – herdadas do pensamento cada vez mais racializado da Europa e dos Estados Unidos⁸⁸.

Como foi colocado anteriormente, embora Alexander Crummel tivesse contribuído com suas ideias de maneira significativa para a formação do pensamento pan-africano, sua experiência antecede a de Henry Silvester Williams, aqui, tomado, como o precursor do movimento. É difícil ter certeza de algo quando se trata de subjetividade e num período de longa duração. Assim, a utilização do conceito de *raça* por si só não é suficiente para afirmar que tanto Crummel quanto Du Bois trabalhassem com uma *concepção biológica* (raça africana, por exemplo) do conceito de raça para referir-se a unidade pan-africana. Desse modo, é importante ressaltar que o uso do conceito raça e sua concepção biológica, não foi uma particularidade dos Estados Unidos, mas sim, de um contexto universal⁸⁹.

Embora na África de colonização inglesa, assim como, a África de colonização francesa e portuguesa – na África portuguesa Amílcar Cabral⁹⁰, por exemplo – vários dirigentes políticos tenham compartilhado projeto da unidade pan-africana, Appiah apoia-se em Nkrumah para referir-se como referencial na utilização da noção de ancestralidade fundamentada na concepção biológica de raça como elo de ligação entre os pan-africanistas afro-americanos e afro-caribenhos, assim:

Posto que o que unia esses pan-africanistas afro-americanos e afro-caribenhos era a ancestralidade parcialmente africana que eles compartilhavam, e uma vez que essa ancestralidade tinha importância no Novo Mundo, através de suas várias teorias populares de raça, talvez a compreensão racial de sua solidariedade tenha sido um desdobramento inevitável; isso foi reforçado pelo fato de que algumas figuras cruciais – entre elas, Nkrumah – haviam rumado na direção oposta a Crummel, procurando educar-se nas faculdades negras dos Estados Unidos (...) ⁹¹.

Se Appiah deixa explícito na citação anterior que a Europa e os Estados Unidos são o berço das *ideias biológicas precárias – e ideias étnicas ainda piores*⁹² como Nkrumah havia rumado na direção oposta a Crummel, considerado por ele como um dos reprodutores do “pan-africanismo racista”, ao estudar nas Universidades negras dos Estados Unidos? Partindo do pressuposto de que

88 Idem, p.14.

89 BANTON, Michael. *A ideia de raça*. Lisboa: Edições 70, 1977.

90 TOMÁS, António. *O fazedor de utopias: uma biografia de Amílcar Cabral*. Lisboa: Tinta da China MMVII, 2007.

91 APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p.23.

92 Idem, p.14.

os Estados Unidos foi o berço das *ideias biológicas precárias* para Nkrumah ser tão “racista” quanto Crummel! Assim como Appiah, o fato de ser africano e de possuir o convívio com a diversidade cultural desde a infância tem uma relação muito mais estreita com o repúdio de Nkrumah ao conceito de raça e ao reconhecimento da diversidade africana do que o fato de ele ter estudado em qualquer faculdade negra dos Estados Unidos.

O reconhecimento da diversidade cultural africana como um dos obstáculos a consolidação da unidade pan-africana no continente africano, assim como, a falsa ideia de um pan-africanismo baseado em uma concepção biológica de raça mencionada por Appiah, fragiliza-se quando Nkrumah afirma que:

Alguns de nós são mulçumanos, outros cristãos; muitos adoram deuses tradicionais, que variam de tribo para tribo. Uns falam francês, outros inglês, outros português, além dos milhões que apenas conhecem uma língua africana das centenas que existem. Diferenciamo-nos culturalmente, o que afeta a nossa maneira de ver as coisas e condiciona e nosso desenvolvimento político⁹³.

Ao enfatizar a multiplicidade cultural existente no continente fica explícito que mesmo sendo, talvez, o mais radical, defensor da implementação da unidade pan-africana como estratégia do desenvolvimento da África, a concepção (ou vertente política) advogada por Nkrumah estava dissociada de qualquer juízo biológico, uniforme e homogêneo. Essa citação do dirigente africano suscita o seguinte questionamento: ao sugerir o pan-africanismo, bem como alguns de seus teóricos, precisamente Nkrumah, como reprodutores do conceito biológico de raça, não estaria Appiah operando uma espécie de “vingança política” considerando a trajetória de oposição e divergência política entre seu pai e o primeiro ministro da Costa do Ouro? Dessa maneira, cabe a reflexão.

Conclusão

Esse artigo visa alcançar dois objetivos. O primeiro é contribuir para ampliação do número de informações sistematizadas sobre a História e a evolução do pensamento pan-africano, já que, devido à conjuntura favorável as relações raciais, aberta pelas leis 10.639\03 e 11.645\08 que propõem a renovação e atualização do conteúdo de História da África e cultura afro-brasileira, a quantidade de informações de temática correlata ainda é incipiente. O segundo objetivo, é o de construir uma crítica sobre o livro “*na casa de meu pai*” da maneira a demonstrar sua “*periculosidade*” ao deixar implícita a ideia do pan-africanismo ser uma ideologia racista. Partindo

93 KWAME Nkrumah. *A África deve unir-se*. Lisboa: Ulmeiro, 1977, p.153.

do pressuposto de que os currículos escolares brasileiros nunca foram contemplados com disciplinas como História da África e cultura Afro-brasileira, no momento em que se aprova uma lei que estabelece a obrigatoriedade deste ensino, por onde começar? Quem são autores a serem utilizados? Quais os referenciais? Qual a metodologia a ser utilizada? E é aqui que reside o perigo do livro de Appiah, pois, em um ambiente onde o conhecimento sobre a história da África e outras temáticas relacionadas é reduzido ou, praticamente, inexistente, um livro como o dele, que sugere o pan-africanismo (uma das ideologias centrais de resistência das descolonizações africanas), como uma ideologia racista, apresenta-se como uma “*bomba relógio*” no sentido de formar um “pensamento equivocado” (e porque não racista) em relação aos teóricos africanos e da diáspora. A evidência desse risco é que o livro *na casa de meu pai* tem sido adotado como uma “*bíblia do pan-africanismo e dos estudos em relações raciais*” nos centros de ensino superior do país, local onde se forma o pensamento científico e social. Além disso, o livro *na casa de meu pai* fortalece uma contradição, pois, as maiorias das pessoas que o leem passam a conhecer o autor, colocando-o como principal referência, sem conhecerem os teóricos precursores da ideologia que se apresentou como um dos tripés, juntamente com o nacionalismo africano e a negritude, de sustentação do processo independentista do continente africano.

Referências bibliográficas

- ANFRAY, F. A civilização de Axum do século I ao século VII. In: MOKHTAR, Gamal (Org.). *História Geral da África*. Brasília: UNESCO, 2010, pp.430-452. (Vol.II – África antiga)
- APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- BANTON, Michael. *A ideia de raça*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- CHEVANNES, Barry. *Rastafari: roots and ideology*. New York: Syracuse University Press, 1994.
- DECRAENE, Philippe. *O Pan-Africanismo*. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1962.
- FINCH, Charles S; NACIMENTO, Elisa Larkin, I.N. de (Org). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. Vol.4. São Paulo: Selo negro, 2009.
- GARVEY, Amy Jacques. *Garvey and Garveysm*. Londres: Collier-MacMillan Ltd, 1963\1968.
- HARRIS, Joseph.E.; Zeghidour, Slimane. A África e a diáspora negra. In: MAZRUI, Ali. A; WONDJI, Christophe (Org.). *História Geral da África*. Brasília: UNESCO, 2010. p.861-884. (Vol. VIII)
- KWAME Nkrumah. *A África deve unir-se*. Lisboa: Ulmeiro, 1977.
- _____. *A Luta de classes em África*. Lisboa: Livraria Sá da Costa editora, 1977.

JAMES, C.L.R. *Os jacobinos negros: Toussaint L'ouverture e a revolução de São Domingos*: São Paulo: Boitempo, 2000.

LOPES, Ney. *A enciclopédia da diáspora africana*. São Paulo: Selo negro, 2004.

M'BOKOLO, Elikia. *África negra: história e civilizações*. Salvador/São Paulo: Edufba/Casa das Áfricas, 2011. Tomo II (Do século XIX aos nossos dias)

OLSON, Steve. *A história da humanidade: desvendando 150 mil anos da nossa trajetória através dos genes*. Rio de Janeiro: Campus editora, 2003.

TOMÁS, Antônio. *O fazedor de utopias: uma biografia de Amílcar Cabral*. Lisboa: Tinta da China MMVII, 2007.

WHITE, Timothy. *Queimando Tudo: a biografia definitiva de Bob Marley*. 6. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

Internet

<http://www.bu.edu/missiology/missionary-biography/a-c/blyden-edward-wilmot-1832-1912/>

<http://biography.yourdictionary.com/edward-wilmot-blyden>

http://www.dacb.org/stories/liberia/crummel_alexander2.html

http://www.episcopalarchives.org/Afro-Anglican_history/exhibit/leadership/crummell.php

<http://www.ghanaweb.com/GhanaHomePage/people/person.php?ID=177>

<http://www.theunia-acl.com/index.php/marcus-garvey-1887-1940>